

## “Três Mulheres”: Sylvia Plath e a maternidade

Marina Della Valle

A maternidade é um tema interessante dentro da obra da poeta americana Sylvia Plath (1932-1963). Ela aparece em diversos poemas de maneira conflitante: ora é apresentada como um grilhão, prendendo a narradora à domesticidade sufocante, às tarefas intermináveis que matam sua inspiração artística, ora surge como uma experiência tocante, intensa e recompensadora, ora surge como uma qualidade desejável, quando está presente a figura da rival/antagonista, sempre descrita como estéril. De acordo com o livro *Chapters in a Mythology: The Poetry of Sylvia Plath*, de Judith Kroll (ed. Harper & Row, 1975), um dos primeiros estudos sérios sobre o trabalho da poeta, a maternidade é apresentada de duas maneiras opostas na obra de Plath: como algo ruim, quando é ligada a papéis definidos pelo homem, e como algo bom, quando aparece como um atributo heróico, mítico, colocada em contraste com a rival/eu falso e sua infertilidade.

O poema radiofônico “Three Women” foi escrito a pedido de Douglas Cleverdon, da BBC, e transmitido pela primeira vez no “Third Programme” em 19 de agosto de 1962 – ano em que a poeta deu à luz seu segundo filho, Nicholas, e separou-se de seu marido, o poeta inglês Ted Hughes (1930-1998). A peça surge um pouco antes dos poemas que tornaram Plath famosa – os que compõem o livro *Ariel* (1965) – e carrega elementos que ganharão peso e importância

em sua obra posterior. "Three Women" foi publicada pela primeira vez em 1968, pela Turrent Books, em uma edição limitada de 180 exemplares. Em 1971, a peça foi incluída no livro de poemas *Winter Trees* (Faber & Faber). Dez anos depois, voltou a ser publicada no volume *Collected Poems* (Faber & Faber). Não encontrei registro de uma tradução brasileira, mas os portugueses contam, desde 2004, com uma edição bilíngüe da peça, publicada pela editora Relógio d'Água (Lisboa) que traz competente tradução de Ana Gabriela de Macedo, diretora do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho e professora associada do Departamento de Estudos Ingleses e Norte-Americanos da mesma universidade.

"Three Women" também é campo fértil para os que desejam analisar os mitos efetivamente usados pela poeta em sua obra, muitas vezes ofuscados pela aura em torno da própria autora. Ambientada em uma maternidade, a peça é composta por monólogos intercalados de três personagens com diferentes experiências: a Primeira voz, ou Esposa, dá à luz um menino saudável e desejado; a Segunda voz, ou Secretária, deseja ser mãe, mas sofre outro aborto espontâneo; e a Terceira voz, ou Garota, dá à luz uma menina que deixa para a adoção.

Em termos de imagem, é possível detectar em "Three Women" fortes traços do mito da Deusa Tríplice, em especial da maneira apresentada em *The White Goddess*, de Robert Graves (Faber, London, 1978), uma musa que Plath dividia com o marido, Ted Hughes. Kroll identifica cada uma das três faces da Deusa Tríplice com as três vozes da peça. A Primeira voz, que dá à luz um filho desejado, corresponde à Lua Nova, a deusa em seu aspecto mais jovem. Este aspecto da Deusa Tríplice está ligada à cor branca. A Segunda voz corresponde à Lua Velha, a lua cheia de janeiro, mês de inverno no Hemisfério Norte. É o aspecto mais velho da Deusa Tríplice, a guardiã dos mistérios da vida e da morte. Essa face da deusa, de acordo com Graves, está ligada à cor preta. A Terceira voz, que deixa a filha para a adoção, na analogia de Kroll, corresponde ao aspecto pleno da Deusa Tríplice, a Lua Cheia, a guardiã do amor e da guerra. Essa

face da Deusa Tríplice está associada à cor vermelha. A peça é permeada por citações e sugestões dessas cores.

Em termos de linguagem, o padrão de rimas espalhadas em contraste com repetições enfáticas dos poemas posteriores já está presente. O leitor/ouvinte é tomado, acima de tudo, pela sensação de emoção à flor da pele, de reações violentas aos acontecimentos na maternidade, que parecem ir se acalmando em direção ao fim. O monólogo final da peça aponta para a esperança. Nele, a Segunda Voz, curando-se após a violenta decepção de um aborto natural, observa as folhas de grama brotando, verdes.

Meu maior desafio na tradução de "Three Women" foi o uso da palavra "flat", que permeia os monólogos e atua como uma espécie de chave nas diferenças entre os mundos das mulheres grávidas – descritas como "mountainous", em contraste com os homens, sempre descritos como "flat". O termo "flat" tem uma grande variedade de significados amplamente usados ao longo da peça. A escolha de um termo em português que englobasse todos os sentidos usados por Plath neste trabalho foi meu ponto de partida, mas logo percebi que isso não seria possível sem "engessar" diversas partes do monólogo. A partir daí, fiz diversas tentativas, buscando um termo que pudesse ser aplicado na maioria das ocorrências da palavra "flat", mas que preservasse a naturalidade do texto, que depende muito da leitura em voz alta.

A lista de tentativas teve início com o termo "murcho" e passou por "vazio" e "raso" antes de alcançar a solução mantida na versão apresentada a seguir, "reto". Essa escolha deve muito ao estudo dos mitos usados por Plath na peça, tanto por Kroll como pelo acadêmico americano Jack Folson, que além de gentilmente me enviar o livro de presente, foi e continua sendo uma rica fonte de informações sobre Plath e análises importantes do trabalho da poeta, cuja obra estuda há mais de 25 anos. A escolha de "reto" responde à oposição entre homens e mulheres grávidas colocada por Plath em vários pontos da peça. "Reto" traz também o termo "retidão", que

nos remete à retidão de caráter, o que me pareceu desejável, sobretudo no segundo monólogo da Segunda voz:

It is these men I mind:  
They are so jealous of anything that is not flat! They are jealous  
    gods  
That would have the whole world flat because they are.  
I see the Father conversing with the Son.  
Such flatness cannot but be holy.  
'Let us make a heaven,' they say.  
'Let us flatten and launder the grossness from these souls.'

Em português, o termo "reto" precisa ser substituído no último verso, mas confere ao monólogo algo da dramaticidade e da ironia presentes no original:

E então os outros rostos. Rostos de nações,  
Governos, parlamentos, sociedades,  
Os rostos sem rosto dos homens importantes.

São esses os homens que me preocupam:  
Têm tanta inveja de tudo que não é reto! Deuses invejosos  
Tornariam o mundo reto por serem retos.  
Eu vejo o Pai conversando com o Filho.  
Tal retidão só pode ser santa.  
'Vamos fazer um céu', dizem.  
'Vamos endireitar e lavar a grosseria dessas almas'.

A alusão a dois pilares da Santíssima Trindade cristã, que não inclui a mulher, pode ser vista como uma espécie de oposição ao mito da Deusa Tríplice, calcado nas estações do ano e na capacidade da natureza de se regenerar após um inverno rigoroso, e também na fertilidade feminina. A retidão "santa", portanto, não inclui as mulheres e o milagre da reprodução.

Nesta tradução, a busca pela oralidade foi um guia, já que a peça foi feita para ser interpretada, passada de maneira oral. Mesmo assim, acredito que esse aspecto ainda pode ser melhorado, pois está interligado às possíveis interpretações do texto. Qualquer sugestão ou crítica é extremamente bem-vinda. Meus agradecimentos a Telma Franco por sua gentileza em ler as diferentes versões desta tradução e pela inteligência de suas sugestões perspicazes.

### **Três Mulheres**

Um Poema Para Três Vozes

Cenário: a maternidade de um hospital e adjacências

Primeira voz:

Sou lenta como o mundo. Tão paciente,  
Girando em meu tempo, sóis e estrelas  
Me olham com atenção.  
O interesse da lua é mais pessoal:  
Ela passa e repassa, luminosa como uma enfermeira.  
Será que ela sente pena pelo que virá? Acho que não.  
Ela apenas está pasma diante da fertilidade.

Quando saio, sou um grande acontecimento.  
Não preciso pensar, nem mesmo ensaiar.  
O que acontecerá comigo dispensa cuidados.  
Há um faisão sobre a colina;  
Está ajeitando as penas castanhas.  
Não posso evitar um sorriso sabendo o que sei.  
Folhas e pétalas cuidam de mim. Estou pronta.

Segunda voz:

Quanto vi aquilo, a pequena nascente vermelha, não acreditei.  
Observei os homens passando por mim no escritório. Tão retos!  
Tinha algo de papelão neles, e agora eu peguei  
A retidão reta reta de onde idéias, destruições,  
Escavadoras, guilhotinas e câmaras brancas de berros provêm,  
Interminavelmente – e os anjos frios, as abstrações.  
Eu me sentei à minha mesa, de salto alto, meia fina,

E o homem para quem trabalho riu. "Viu alguma coisa  
horrível?

Você ficou tão branca de repente." Eu não disse nada.  
Vi a morte nas árvores nuas, uma privação.  
Não podia acreditar. É assim tão difícil  
Para o espírito conceber um rosto, uma boca?  
As letras saindo das teclas negras, e as teclas negras  
Saindo dos meus dedos alfabéticos, ordenando peças,

Peças, freios, rodas dentadas, os múltiplos brilhantes.  
Estou morrendo aqui sentada. Perco uma dimensão.

Trens rugem nos meus ouvidos, partidas, partidas!  
A linha prata do tempo se esvazia na distância,  
O céu branco se esvazia de suas promessas, feito taça.  
Esses são meus pés, esses ecos mecânicos.  
Bate, bate, bate, estacas de aço. Deixo a desejar.

Isso é uma doença que levo para casa, é uma morte.  
Insisto, é uma morte. É o ar,  
As partículas de destruição que aspiro? Sou eu um pulso  
Que míngua e míngua frente ao anjo frio?  
É este meu amante, então? Esta morte, esta morte?  
Quando criança, amei um nome carcomido por líquen.  
É este o pecado, esse velho e morto amor pela morte?

Terceira voz:

Eu me lembro do momento em que tive certeza.  
Os salgueiros num desalento,  
O rosto no lago era belo, mas não era meu –  
Tinha um ar pretensioso, como tudo mais,  
Eu só via perigos: pombos e palavras,  
Estrelas e chuvas de ouro – concepções, concepções!  
Eu me lembro de uma asa branca, fria

E o grande cisne, com seu ar terrível,  
Vindo em minha direção, feito um castelo, de cima do rio.  
Há uma serpente nos cisnes.  
Passou deslizando. No olho dele um intento negro.  
Vi o mundo nesse olho – pequeno, negro, mau,

Cada palavrinha enganchada em outra, ato no ato.  
Um dia quente e azul floresceu noutra coisa.

Eu não estava pronta. As nuvens brancas subindo  
Me arrastavam para longe em quatro direções.  
Eu não estava pronta.  
Não tinha reverência.  
Pensei que podia negar a conseqüência –  
Mas era tarde demais. Tarde demais, e o rosto  
Foi se formando com amor, como se eu estivesse pronta

Segunda voz:

É um mundo de neve. Não estou em casa.  
Estes lençóis são tão brancos. As faces sem traços.  
Nuas e impossíveis, como as faces dos meus filhos,  
Doentinhos que se esquivam dos meus braços.  
Outras crianças não me tocam: são terríveis.  
Têm cor demais, vida demais. Não são quietas,  
Quietas, como os pequenos vazios que eu carrego.

Eu tive minhas chances. Tentei e tentei.  
Costurei a vida dentro de mim como um órgão raro,  
E andei cuidadosamente, precariamente, como algo raro.  
Tentei não pensar muito. Tentei ser natural.  
Tentei ficar cega de amor, como as outras mulheres,  
Cega em minha cama, com meu doce cego,  
Sem procurar, na escuridão densa, o rosto do outro.

Não procurei. Mas o rosto ainda estava lá,  
O rosto do que não nasceu e amava suas perfeições,  
O rosto do que morreu e só podia ser perfeito,  
Em sua paz fácil, só assim podia se manter santo.  
E então os outros rostos. Rostos de nações,  
Governos, parlamentos, sociedades,  
Os rostos sem rosto dos homens importantes.

São esses os homens que me preocupam:  
Têm tanta inveja de tudo que não é reto! Deuses invejosos  
Tornariam o mundo reto por serem retos.  
Eu vejo o Pai conversando com o Filho.  
Tal retidão só pode ser santa.  
“Vamos fazer um céu”, dizem.  
“Vamos endireitar e lavar a grosseria dessas almas”.

Primeira voz:

Estou calma, estou calma. É a calma antes de algo horrível:  
O minuto amarelo antes do caminhar do vento, e as folhas  
Erguem suas mãos, sua palidez. É tão quieto aqui.  
Os lençóis, os rostos, brancos e parados feito relógios.  
Vozes recuam e se esvaziam. Seus hieróglifos visíveis  
Se achatam em telas de pergaminho para barrar o vento.  
Pintam cada segredo em árabe, chinês!

Sou muda e castanha. Uma semente pronta para romper.  
O castanho é o meu eu morto, e está inchado:  
Não deseja ser mais, ou diferente.

O crepúsculo me envolve num manto azul, como uma Maria.  
Oh cor da distância e do esquecimento! –  
Quando será, o segundo em que o Tempo se rompe  
E a eternidade o engolfa, e me afogo totalmente?  
Eu falo comigo, só comigo, à parte –  
Esfregada e lúrida de desinfetantes, sacrificial.  
A espera pesa minhas pálpebras. Pesa feito sono,  
Um grande mar. Longe, longe, sinto o primeiro repuxo  
Sua carga de agonia em minha direção, inescapável, maré.  
E eu, uma concha, ecoando nessa praia branca  
Frente às vozes que sobrepujam, o terrível elemento.

Terceira voz:

Agora sou montanha, entre mulheres montanhosas.  
Os doutores andam entre nós como se nosso tamanho  
Apavorasse a mente. Sorriem como tolos.  
Eles têm culpa pelo que sou, e sabem disso.  
Eles abraçam sua retidão como se fosse um tipo de saúde.  
E se eles fossem surpreendidos, como eu fui?  
Ficariam doidos com isso.

E se duas vidas vazassem por entre minhas coxas?  
Vi a câmara branca com seus instrumentos.  
É um lugar de berros. Não é feliz.  
'É para onde você irá quando estiver pronta.'  
As luzes da noite são luas retas, vermelhas. Baças de sangue.  
Não estou pronta para nada que aconteça.  
Devia ter assassinado essa coisa, que me assassina.

Primeira voz:

Não há milagre mais cruel que este.  
Sou arrastada por cavalos, por cascos de ferro.  
Resisto. Resisto até o fim. Completo um trabalho.  
Túnel escuro, pelo qual são lançadas as visitas,  
As visitas, as manifestações, os rostos em sobressalto.  
Sou o centro de uma atrocidade.  
Que dores, que tristezas devo estar criando?

Pode tamanha inocência matar e matar? Suga minha vida.  
As árvores na rua definham. A chuva é corrosiva.  
Provo-a na língua, e os horrores viáveis,  
Os horrores que levantam indolentes, madrinhas  
desconsideradas  
Com corações que batem e batem, maletas de instrumentos.  
Eu devo ser parede e teto, protegendo.  
Devo ser céu e colina de bondade: que eu seja!

Um poder cresce em mim, velha tenacidade.  
Estou rompendo como o mundo. Há um negrume,  
Ariete de negrume. Minhas mãos cingem uma montanha.  
O ar está denso. Está denso com esse trabalho.  
Eu sou usada. Sou convocada ao uso.  
Esse negrume aperta os meus olhos.  
Não vejo nada.

Segunda voz:

Sou acusada. Sonho com massacres.  
Sou um jardim de agonias vermelhas e pretas. Eu as bebo,  
Com ódio de mim, ódio e medo. Agora o mundo concebe  
Seu fim e corre para ele, braços abertos com amor.  
É um amor pela morte que adocece tudo.  
Um sol morto mancha o papel de jornal. É vermelho.  
Eu perco vida após vida. A terra negra as bebe.  
Ela é a vampira de todos nós. Então ela nos sustenta,  
Nos engorda, é boa. A boca dela é vermelha.  
Eu a conheço. Conheço intimamente –  
Velha cara do inverno, velha estéril, velha bomba-relógio.  
Homens a usaram cruelmente. Ela vai devorá-los.  
Devorá-los, devorá-los, devorá-los no final.  
O sol se pôs. Eu morro. Fabrico uma morte.

Primeira voz:

Quem é ele, esse menino azul, furioso,  
Estranho e brilhante, como se lançado de uma estrela?  
Ele olha com tanta raiva!  
Voou para dentro do quarto, um berro no calcanhar.  
A cor azul se empalidece. Ele é humano afinal.  
Uma lótus vermelha se abre em sua vasilha de sangue;  
Estão me costurando com seda, como se eu fosse tecido.

Que faziam os meus dedos antes de segurá-lo?  
Que fazia meu coração com seu amor?

Nunca vi nada tão claro.  
Suas pálpebras são como lilases  
Seu hálito, suave como mariposa.  
Não vou desistir.  
Não há nele malícia ou perversão. Que ele se mantenha assim.

Segunda voz:

A lua se mostra na janela alta. Acabou.  
Como o inverno toma minha alma! E essa luz de giz  
Deitando escamas nas janelas, janelas de escritórios vazios,  
Salas de aula vazias, igrejas vazias. Oh tanto vazio!  
Essa interrupção. Essa terrível interrupção de tudo.  
Esses corpos me cercam, dormentes polares –  
Que raio azul, lunar, gela os seus sonhos?

Ele me penetra, frio, forasteiro, feito instrumento.  
E esse rosto duro e louco no fim dele, a boca em O  
Aberta numa lacuna de luto perpétuo.  
É ela quem arrasta o mar negro-sangue por aí  
Mês após mês, com suas vozes de fracasso.  
Estou indefesa como o mar na ponta de seu fio.  
Inquieta. Inquieta e inútil. Eu, também, crio cadáveres.

Eu devo ir para o norte. Para um longo negrume.  
Eu me vejo como uma sombra, nem homem nem mulher,  
Nem mulher feliz por ser como homem, nem homem  
Chato e estúpido a ponto de não sentir uma carência. Sinto  
uma carência.  
Boto os dedos para cima, dez estacas brancas.

Veja, a escuridão está vazando pelas frestas.  
Não posso contê-la. Não posso conter minha vida.

Serei a heroína do periférico.  
Não serei acusada por botões isolados,  
Buracos nos calcanhares das meias, as faces brancas e mudas  
Das cartas sem respostas confinadas na caixa de  
correspondência.  
Não serei acusada, não serei acusada.  
O relógio não pensará que deixo a desejar, nem essas estrelas  
Que se fixam no lugar, abismo após abismo.

Terceira voz:

Eu a vejo em meu sonho, minha menina vermelha, terrível.  
Ela chora através do vidro que nos separa.  
Ela chora, e está furiosa.  
Seu choro é um gancho que arranha feito gato.  
É com esses ganchos que ela alcança minha atenção.  
Ela chora para o escuro, para as estrelas  
Que brilham e rodopiam a essa distância.

Acho que sua cabecinha é esculpida em madeira,  
Madeira dura e vermelha, olhos fechados, boca escancarada.  
E da boca aberta emite gritos afiados  
Lanhando meu sono como flechas,  
Lanhando meu sono e entrando em meu flanco.  
Minha filha não tem dentes. Sua boca é imensa.  
Profere cada som sinistro que não pode ser bom.

Primeira voz:

Quem é que nos atira essas almas inocentes?  
Veja, estão tão exaustas, todas adormecidas,  
Em seus berços ladeados de lona, nomes atados nos punhos,  
Os trofeuzinhos prateados pelos quais vieram de tão longe.  
Algumas com uma cabeleira negra, algumas carecas.  
Os matizes de suas peles rosa ou lívida, marrom ou vermelha;  
Começam a se lembrar de suas diferenças.

Acho que são feitas d'água, não têm expressão.  
Suas feições dormem, como luz em água parada.  
Verdadeiros monges e freiras, com vestes idênticas.  
Eu as vejo chovendo sobre o mundo feito estrelas –  
Índia, África, América, coisinhas milagrosas,  
Imagenzinhas puras. Cheiram a leite.  
As solas dos pés intactas. Caminhantes do ar.

Pode o nada ser tão pródigo?  
Aqui está meu filho.  
Seu olho arregalado daquele azul vulgar, comum.  
Ele se vira para mim como uma plantinha cega e brilhante.  
Um grito. É o gancho onde me seguro.  
Eu sou um rio de leite.  
Sou uma colina morna.

Segunda voz:

Eu não sou feia. Sou até bonita.  
O espelho me devolve uma mulher sem deformidade.

As enfermeiras me devolvem as roupas e a identidade.  
Isso é comum, elas dizem.  
É comum na minha vida e na vida de outras.  
Sou uma em cinco, algo assim. Não sou caso perdido.  
Sou bonita como uma estatística. Aqui está meu batom.

Eu desenho a velha boca.  
A boca vermelha que guardei com minha identidade  
Um dia, dois, três dias atrás. Era uma sexta.  
Nem preciso de uma folga, posso trabalhar hoje.  
Posso amar meu marido, que vai entender.  
Vai me amar através do borrão da minha deformidade  
Como se eu tivesse perdido um olho, uma perna, uma língua.  
Assim me levanto, meio cega. Assim caminho  
Sobre rodas, não sobre pernas, elas também servem.  
Aprendo a falar com os dedos, não uma língua.  
O corpo é cheio de recursos.  
O corpo da estrela-do-mar brota de volta um braço  
As salamandras são pródigas com pernas. Que eu seja  
Assim tão pródiga com o que me falta.

Terceira voz:

Ela é uma ilhazinha, adormecida e em paz,  
Sou um navio branco que apupa: Adeus, adeus.  
O dia está ardente, bem fúnebre.  
As flores nesse cômodo são vermelhas e tropicais.  
Viveram toda a vida atrás do vidro, cuidadas com ternura.  
Agora enfrentam um inverno de lençóis brancos, rostos brancos.  
Há bem pouco o que colocar na mala.

As roupas de uma gorda que eu não conheço.  
Pente e escova de cabelo. Um vazio.  
De repente estou tão vulnerável.  
Sou uma ferida saindo do hospital.  
Sou uma ferida que eles deixam ir.  
Deixo minha saúde para trás. Deixo alguém  
Que iria se aderir a mim: retiro seus dedos, como curativos: vou.

Segunda voz:

Sou eu mesma novamente. Sem pendências.  
Sangrei até ficar branca como cera. Sem compromissos.  
Sou reta e virginal, o que significa que nada aconteceu,  
Nada que não possa ser apagado, arrancado e rasgado,  
recomeçado.  
Esses galhos pretos não pensam em dar botões,  
Nem essas calhas secas sonham com chuva.  
Esta mulher que me encontra nas janelas – ela é asseada.

Tão asseada que é transparente, como espírito.  
Com que timidez sobrepõe seu ser arrumado  
Sobre o inferno das laranjas africanas, porcos dependurados.  
Ela se defere à realidade.  
Sou eu. Sou eu –  
Sentindo o gosto da amargura entre os dentes.  
A incalculável malícia de todos os dias.

Primeira voz:

Por quanto tempo posso ser parede, barrando o vento?  
Por quanto tempo posso  
Suavizar o sol com a sombra da mão?  
Interceptar os raios azuis duma lua fria?  
As vozes da solidão, as vozes da tristeza  
Ondeam sobre minhas costas, inevitáveis.  
Como pode suavizá-las, essa cantigazinha de ninar?

Por quanto tempo posso ser o muro da minha propriedade verde?  
Por quanto tempo podem minhas mãos  
Serem curativos para a dor dele, e minhas palavras  
Pássaros brilhantes no céu, consolando, consolando?  
É uma coisa horrível  
Estar tão aberta: é como se meu coração  
Pusesse um rosto e andasse pelo mundo.

Terceira voz:

Hoje as faculdades estão inebriadas pela primavera.  
Minha toga negra é um pequeno funeral:  
Mostra que sou séria.  
Os livros que carrego se encaixam em meu flanco.  
Tive uma velha ferida, um dia, mas está se curando.  
Sonhei com uma ilha, vermelha de choro.  
Era só um sonho, não significou nada.

Primeira voz:

A aurora floresce no grande olmo do lado de casa.  
As andorinhas voltaram. Gritam como foguetes de papel.  
Ouço o som das horas  
Se ampliar e morrer nas cercas-vivas. Ouço o mugir das vacas.  
As cores se reabastecem. O sapé molhado  
Fumega ao sol.  
Narcisos abrem seus rostos brancos no pomar.

Estou tranqüilizada. Tranqüilizada.  
Essas cores vivas do quarto de criança,  
Os patinhos falantes, as ovelhas felizes.  
Sou simples novamente. Acredito em milagres.  
Não acredito naquelas crianças terríveis  
Que machucam meus sonhos com olhos brancos, mãos sem dedos.  
Elas não são minhas. Não me pertencem.  
Devo meditar sobre a normalidade.  
Devo meditar sobre meu filhinho.  
Ele não anda. Não fala uma palavra.  
Ainda está atado em faixas brancas.  
Mas ele é rosa e perfeito. Sorri sempre.  
Forrei seu quarto com grandes rosas,  
Pinteí coraçõezinhos em tudo.

Eu não desejo que ele seja excepcional.  
É a exceção que interessa ao diabo.  
É a exceção que escala o morro triste  
Ou se senta no deserto e quebra o coração de sua mãe.  
Eu quero que ele seja comum,

Que me ame como eu o amo,  
Que se case com o que e onde quiser.

Terceira voz:

Tarde quente no campo. Os botões-de-ouro  
Transpiram e derretem, e os amantes  
Passam por mim, passam por mim.  
Negros e vazios como sombras.  
É tão lindo que eu não tenha vínculos!  
Sou solitária como a relva. O que estou perdendo?  
Encontrarei um dia, seja lá o que for?

Os cisnes se foram. O rio ainda se lembra  
De como eram brancos.  
Busca por eles com suas luzes.  
Encontra suas formas numa nuvem.  
Que pássaro é esse que grita  
Com tanta tristeza na voz?  
Sou jovem como sempre, diz. O que estou perdendo?

Segunda voz:

Estou em casa, ao lado do abajur. As noites se alongam.  
Remendo uma anágua de seda: meu marido lê.  
A luz abrange essas coisas com tanta beleza.  
Há um tipo de fumaça no ar da primavera,  
Fumaça cobrindo o parque, as estatuazinhas  
De rosa, como se uma ternura acordasse,  
Uma ternura que não cansa, algo que cura.

Espero dolorida. Acho que vim me curando.  
Há muito mais o que fazer. Minhas mãos  
Podem costurar com elegância renda nesse material. Meu marido  
Pode virar e virar as páginas de um livro.  
Assim ficamos juntos em casa, após horas.  
É só o tempo que pesa sobre nossas mãos.  
É só o tempo, que não é material.

As ruas podem virar papel de repente, mas me recupero  
Da grande queda, e me encontro na cama,  
Segura no colchão, braços entrelaçados, como que para uma  
queda.

Eu me encontro novamente. Não sou nenhuma sombra  
Embora haja uma sombra saindo dos meus pés. Sou uma esposa.  
A cidade espera, dolorida. As folhinhas de relva  
Racham a pedra, e são verdes de vida.

### **Three Women**

A Poem for three voices

Setting: a maternity ward and round about

First voice:

I am slow as the world. I am very patient,  
Turning through my time, the suns and stars  
Regarding me with attention.  
The moon's concern is more personal:  
She passes and repasses, luminous as a nurse.

Is she sorry for what will happen? I do not think so.  
She is simply astonished at fertility.

When I walk out, I am a great event.  
I do not have to think, or even rehearse.  
What happens in me will happen without attention.  
The pheasant stands on the hill;  
He is arranging his brown feathers.  
I cannot help smiling at what it is I know.  
Leaves and petals attend me. I am ready.

Second voice:

When I first saw it, the small red seep, I did not believe it.  
I watched the men walk about me in the office. They were so  
flat!  
There was something about them like cardboard, and now  
I had caught it,  
That flat, flat, flatness from which ideas, destructions,  
Bulldozers, guillotines, white chambers of shrieks proceed,  
Endlessly proceed – and the cold angels, the abstractions.  
I sat at my desk in my stockings, my high heels,  
And the man I work for laughed: 'Have you seen something  
awful?  
You are so white, suddenly.' And I said nothing.  
I saw death in the bare trees, a deprivation.  
I could not believe it. Is it so difficult  
For the spirit to conceive a face, a mouth?  
The letters proceed from these black keys, and these black keys  
proceed  
From my alphabetical fingers, ordering parts,

Parts, bits, cogs, the shining multiples.  
I am dying as I sit. I lose a dimension.  
Trains roar in my ears, departures, departures!  
The silver track of time empties into the distance,  
The white sky empties of its promise, like a cup.  
These are my feet, these mechanical echoes.  
Tap, tap, tap, steel pegs. I am found wanting.

This is a disease I carry home, this is a death.  
Again, this is a death. Is it the air,  
The particles of destruction I suck up? Am I a pulse  
That wanes and wanes, facing the cold angel?  
Is this my lover then? This death, this death?  
As a child I loved a lichen-bitten name.  
Is this the one sin then, this old dead love of death?

Third voice:

I remember the minute when I knew for sure.  
The willows were chilling,  
The face in the pool was beautiful, but not mine –  
It had a consequential look, like everything else,  
And all I could see was dangers: doves and words,  
Stars and showers of gold – conceptions, conceptions!  
I remember a white, cold wing

And the great swan, with its terrible look,  
Coming at me, like a castle, from the top of the river.  
There is a snake in swans.  
He glided by; his eye had a black meaning.

I saw the world in it – small, mean and black,  
Every little word hooked to every little word, and act to act.  
A hot blue day had budded into something.

I wasn't ready. The white clouds rearing  
Aside were dragging me in four directions.  
I wasn't ready.  
I had no reverence.  
I thought I could deny the consequence –  
But it was too late for that. It was too late, and the face  
Went on shaping itself with love, as if I was ready.

Second voice:

It is a world of snow now. I am not at home.  
How white these sheets are. The faces have no features.  
They are bald and impossible, like the faces of my children,  
Those little sick ones that elude my arms.  
Other children do not touch me: they are terrible.  
They have too many colors, too much life. They are not quiet,  
Quiet, like the little emptinesses I carry.

I have had my chances. I have tried and tried.  
I have stitched life into me like a rare organ,  
And walked carefully, precariously, like something rare.  
I have tried not to think too hard. I have tried to be natural.  
I have tried to be blind in love, like other women,  
Blind in my bed, with my dear blind sweet one,  
Not looking, through the thick dark, for the face of another.

I did not look. But still the face was there,  
The face of the unborn one that loved its perfections,  
The face of the dead one that could only be perfect  
In its easy peace, could only keep holy so.  
And then there were other faces. The faces of nations,  
Governments, parliaments, societies,  
The faceless faces of important men.

It is these men I mind:  
They are so jealous of anything that is not flat! They are jealous  
    gods  
That would have the whole world flat because they are.  
I see the Father conversing with the Son.  
Such flatness cannot but be holy.  
'Let us make a heaven,' they say.  
'Let us flatten and launder the grossness from these souls.'

First voice:

I am calm. I am calm. It is the calm before something awful:  
The yellow minute before the wind walks, when the leaves  
Turn up their hands, their pallors. It is so quiet here.  
The sheets, the faces, are white and stopped, like clocks.  
Voices stand back and flatten. Their visible hieroglyphs  
Flatten to parchment screens to keep the wind off.  
They paint such secrets in Arabic, Chinese!

I am dumb and brown. I am a seed about to break.  
The brownness is my dead self, and it is sullen:

It does not wish to be more, or different.  
Dusk hoods me in blue now, like a Mary.  
O color of distance and forgetfulness!—  
When will it be, the second when Time breaks  
And eternity engulfs it, and I drown utterly?

I talk to myself, myself only, set apart—  
Swabbed and lurid with disinfectants, sacrificial.  
Waiting lies heavy on my lids. It lies like sleep,  
Like a big sea. Far off, far off, I feel the first wave tug  
Its cargo of agony toward me, inescapable, tidal.  
And I, a shell, echoing on this white beach  
Face the voices that overwhelm, the terrible element.

Third voice:

I am a mountain now, among mountainy women.  
The doctors move among us as if our bigness  
Frightened the mind. They smile like fools.  
They are to blame for what I am, and they know it.  
They hug their flatness like a kind of health.  
And what if they found themselves surprised, as I did?  
They would go mad with it.

And what if two lives leaked between my thighs?  
I have seen the white clean chamber with its instruments.  
It is a place of shrieks. It is not happy.  
'This is where you will come when you are ready.'  
The night lights are flat red moons. They are dull with blood.

I am not ready for anything to happen.  
I should have murdered this, that murders me.

First voice:

There is no miracle more cruel than this.  
I am dragged by the horses, the iron hooves.  
I last. I last it out. I accomplish a work.  
Dark tunnel, through which hurtle the visitations,  
The visitations, the manifestations, the startled faces.  
I am the center of an atrocity.  
What pains, what sorrows must I be mothering?

Can such innocence kill and kill? It milks my life.  
The trees wither in the street. The rain is corrosive.  
I taste it on my tongue, and the workable horrors,  
The horrors that stand and idle, the slighted godmothers  
With their hearts that tick and tick, with their satchels  
of instruments.  
I shall be a wall and a roof, protecting.  
I shall be a sky and a hill of good: O let me be!

A power is growing on me, an old tenacity.  
I am breaking apart like the world. There is this blackness,  
This ram of blackness. I fold my hands on a mountain.  
The air is thick. It is thick with this working.  
I am used. I am drummed into use.  
My eyes are squeezed by this blackness.  
I see nothing.

Second voice:

I am accused. I dream of massacres.  
I am a garden of black and red agonies. I drink them,  
Hating myself, hating and fearing. And now the world  
conceives  
Its end and runs toward it, arms held out in love.  
It is a love of death that sickens everything.  
A dead sun stains the newsprint. It is red.  
I lose life after life. The dark earth drinks them.

She is the vampire of us all. So she supports us,  
Fattens us, is kind. Her mouth is red.  
I know her. I know her intimately –  
Old winter-face, old barren one, old time bomb.  
Men have used her meanly. She will eat them.  
Eat them, eat them, eat them in the end.  
The sun is down. I die. I make a death.

First voice:

Who is he, this blue, furious boy,  
Shiny and strange, as if he had hurtled from a star?  
He is looking so angrily!  
He flew into the room, a shriek at his heel.  
The blue color pales. He is human after all.  
A red lotus opens in its bowl of blood;  
They are stitching me up with silk, as if I were a material.

What did my fingers do before they held him?

What did my heart do, with its love?  
I have never seen a thing so clear.  
His lids are like the lilac-flower  
And soft as a moth, his breath.  
I shall not let go.  
There is no guile or warp in him. May he keep so.

Second voice:

There is the moon in the high window. It is over.  
How winter fills my soul! And that chalk light  
Laying its scales on the windows, the windows of empty  
offices,  
Empty schoolrooms, empty churches. O so much emptiness!  
There is this cessation. This terrible cessation of everything.  
These bodies mounded around me now, these polar sleepers—  
What blue, moony ray ices their dreams?

I feel it enter me, cold, alien, like an instrument.  
And that mad, hard face at the end of it, that O-mouth  
Open in its gape of perpetual grieving.  
It is she that drags the blood-black sea around  
Month after month, with its voices of failure.  
I am helpless as the sea at the end of her string.  
I am restless. Restless and useless. I, too, create corpses.

I shall move north. I shall move into a long blackness.  
I see myself as a shadow, neither man nor woman,  
Neither a woman, happy to be like a man, nor a man  
Blunt and flat enough to feel no lack. I feel a lack.

I hold my fingers up, ten white pickets.  
See, the darkness is leaking from the cracks.  
I cannot contain it. I cannot contain my life.

I shall be a heroine of the peripheral.  
I shall not be accused by isolate buttons,  
Holes in the heels of socks, the white mute faces  
Of unanswered letters, confined in a letter case.  
I shall not be accused, I shall not be accused.  
The clock shall not find me wanting, nor these stars  
That rivet in place abyss after abyss.

Third voice:

I see her in my sleep, my red, terrible girl.  
She is crying through the glass that separates us.  
She is crying, and she is furious.  
Her cries are hooks that catch and grate like cats.  
It is by these hooks she climbs to my notice.  
She is crying at the dark, or at the stars  
That at such a distance from us shine and whirl.

I think her little head is carved in wood,  
A red, hard wood, eyes shut and mouth wide open.  
And from the open mouth issue sharp cries  
Scratching at my sleep like arrows,  
Scratching at my sleep, and entering my side.  
My daughter has no teeth. Her mouth is wide.  
It utters such dark sounds it cannot be good.

First voice:

What is it that flings these innocent souls at us?  
Look, they are so exhausted, they are all flat out  
In their canvas-sided cots, names tied to their wrists,  
The little silver trophies they've come so far for.  
There are some with thick black hair, there are some bald.  
Their skin tints are pink or sallow, brown or red;  
They are beginning to remember their differences.

I think they are made of water; they have no expression.  
Their features are sleeping, like light on quiet water.  
They are the real monks and nuns in their identical garments.  
I see them showering like stars on to the world –  
On India, Africa, America, these miraculous ones,  
These pure, small images. They smell of milk.  
Their footsoles are untouched. They are walkers of air.

Can nothingness be so prodigal?  
Here is my son.  
His wide eye is that general, flat blue.  
He is turning to me like a little, blind, bright plant.  
One cry. It is the hook I hang on.  
And I am a river of milk.  
I am a warm hill.

Second voice:

I am not ugly. I am even beautiful.

The mirror gives back a woman without deformity.  
The nurses give back my clothes, and an identity.  
It is usual, they say, for such a thing to happen.  
It is usual in my life, and the lives of others.  
I am one in five, something like that. I am not hopeless.  
I am beautiful as a statistic. Here is my lipstick.

I draw on the old mouth.  
The red mouth I put by with my identity  
A day ago, two days, three days ago. It was a Friday.  
I do not even need a holiday; I can go to work today.  
I can love my husband, who will understand.  
Who will love me through the blur of my deformity  
As if I had lost an eye, a leg, a tongue.

And so I stand, a little sightless. So I walk  
Away on wheels, instead of legs, they serve as well.  
And learn to speak with fingers, not a tongue.  
The body is resourceful.  
The body of a starfish can grow back its arms  
And newts are prodigal in legs. And may I be  
As prodigal in what lacks me.

Third voice:

She is a small island, asleep and peaceful,  
And I am a white ship hooting: Goodbye, goodbye.  
The day is blazing. It is very mournful.  
The flowers in this room are red and tropical.

They have lived behind glass all their lives, they have been  
cared for tenderly.

Now they face a winter of white sheets, white faces.  
There is very little to go into my suitcase.

There are the clothes of a fat woman I do not know.  
There is my comb and brush. There is an emptiness.  
I am so vulnerable suddenly.  
I am a wound walking out of hospital.  
I am a wound that they are letting go.  
I leave my health behind. I leave someone  
Who would adhere to me: I undo her fingers like bandages: I go.

Second voice:

I am myself again. There are no loose ends.  
I am bled white as wax, I have no attachments.  
I am flat and virginal, which means nothing has happened,  
Nothing that cannot be erased, ripped up and scrapped, begun  
again.

There little black twigs do not think to bud,  
Nor do these dry, dry gutters dream of rain.  
This woman who meets me in windows – she is neat.  
So neat she is transparent, like a spirit.  
How shyly she superimposes her neat self  
On the inferno of African oranges, the heel-hung pigs.  
She is deferring to reality.  
It is I. It is I –

Tasting the bitterness between my teeth.  
The incalculable malice of the everyday.

First voice:

How long can I be a wall, keeping the wind off?  
How long can I be  
Gentling the sun with the shade of my hand,  
Intercepting the blue bolts of a cold moon?  
The voices of loneliness, the voices of sorrow  
Lap at my back ineluctably.  
How shall it soften them, this little lullaby?

How long can I be a wall around my green property?  
How long can my hands  
Be a bandage to his hurt, and my words  
Bright birds in the sky, consoling, consoling?  
It is a terrible thing  
To be so open: it is as if my heart  
Put on a face and walked into the world.

Third voice:

Today the colleges are drunk with spring.  
My black gown is a little funeral:  
It shows I am serious.  
The books I carry wedge into my side.  
I had an old wound once, but it is healing.  
I had a dream of an island, red with cries.  
It was a dream, and did not mean a thing.

First voice:

Dawn flowers in the great elm outside the house.  
The swifts are back. They are shrieking like paper rockets.  
I hear the sound of the hours  
Widen and die in the hedgerows. I hear the moo of cows.  
The colors replenish themselves, and the wet  
Thatch smokes in the sun.  
The narcissi open white faces in the orchard.

I am reassured. I am reassured.  
These are the clear bright colors of the nursery,  
The talking ducks, the happy lambs.  
I am simple again. I believe in miracles.  
I do not believe in those terrible children  
Who injure my sleep with their white eyes, their fingerless  
hands.  
They are not mine. They do not belong to me.

I shall meditate upon normality.  
I shall meditate upon my little son.  
He does not walk. He does not speak a word.  
He is still swaddled in white bands.  
But he is pink and perfect. He smiles so frequently.  
I have papered his room with big roses,  
I have painted little hearts on everything.  
I do not will him to be exceptional.  
It is the exception that interests the devil.  
It is the exception that climbs the sorrowful hill  
Or sits in the desert and hurts his mother's heart.

I will him to be common,  
To love me as I love him,  
And to marry what he wants and where he will.

Third voice:

Hot noon in the meadows. The buttercups  
Swelter and melt, and the lovers  
Pass by, pass by.  
They are black and flat as shadows.  
It is so beautiful to have no attachments!  
I am solitary as grass. What is it I miss?  
Shall I ever find it, whatever it is?

The swans are gone. Still the river  
Remembers how white they were.  
It strives after them with its lights.  
It finds their shapes in a cloud.  
What is that bird that cries  
With such sorrow in its voice?  
I am young as ever, it says. What is it I miss?

Second voice:

I am at home in the lamplight. The evenings are lengthening.  
I am mending a silk slip: my husband is reading.  
How beautifully the light includes these things.  
There is a kind of smoke in the spring air,  
A smoke that takes the parks, the little statues

With pinkness, as if a tenderness awoke,  
A tenderness that did not tire, something healing.

I wait and ache. I think I have been healing.  
There is a great deal else to do. My hands  
Can stitch lace neatly on to this material. My husband  
Can turn and turn the pages of a book.  
And so we are at home together, after hours.  
It is only time that weighs upon our hands.  
It is only time, and that is not material.

The streets may turn to paper suddenly, but I recover  
From the long fall, and find myself in bed,  
Safe on the mattress, hands braced, as for a fall.  
I find myself again. I am no shadow  
Though there is a shadow starting from my feet. I am a wife.  
The city waits and aches. The little grasses  
Crack through stone, and they are green with life.